

PERSPECTIVAS PRETAS
QUE ENUNCIAM
VOZES E EDUCAM
O FEMINISMO
HIP-HOP, A POLÍTICA
DA SOBREVIVÊNCIA E
O EMPODERAMENTO
NA FAVELA



V SICCAL

[GT3 - FEMINISMO E RELAÇÕES ETNICORRACIAIS]

Cristiane Correia Dias

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH - USP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Frente às dificuldades encontradas no sistema educacional vigente, lançaremos sementes para um novo porvir, ressaltando as potencialidades de uma educação viva, entre vida, arte e conhecimento, presente na favela, enquanto corpo-território que tem sido reconfigurado pelo movimento de jovens mulheres e suas novas linguagens. O Hip-Hop (EUA), o Funk (Brasil) e o Slam (EUA) são movimentos socioculturais, políticos e educacionais que têm contribuído para o movimento refavela. A ideia é decodificar a gramática desses movimentos, propondo uma leitura desses novos tempos a fim de contribuir com um novo léxico (Cf. SILVA, 2018), a ser traçado a partir da luta de mulheres negras face à opressão histórica e sexual que se transmitem por meio da arte, para analisarmos em que medida a busca emancipada da voz, com suas dinâmicas e nuances, subverte os *modus operandi* vigentes, que estão imbricados na intersecção entre a política da sobrevivência, a autodefinição e a política do empoderamento. otencial os conteúdos hospedados nas redes do programa.

Palavras-chave: Feminismo hip-hop. Pedagogia hip-hop. Pensamento das mulheres negras. Mulher de favela. Educação antirracista.

Faced with the difficulties found in the current educational system, we will sow seeds for a new future, highlighting the potential of a living education, between life, art and knowledge, present in the favela, as a body-territory that has been reconfigured by the young women's movement and its new languages. Hip-Hop (USA), Funk (Brazil) and Slam (USA) are sociocultural, political and educational movements that have contributed to the refavela movement. The idea is to decode the grammar of these movements, proposing a reading of these new times in order to contribute with a new lexicon (Cf. SILVA, 2018), to be traced from the struggle of black women in the face of transmuting historical and sexual oppression through art, to analyze to what extent the emancipated search for the voice, with its dynamics and nuances, subverts the current *modus operandi*, which are imbricated in the intersection between the politics of survival, self-definition and the politics of empowerment.

Keywords: Hip-Hop feminism. Hip-Hop pedagogy. Black women's thought. Favela woman. Anti-racist education.

Ante las dificultades encontradas en el sistema educativo actual, lanzaremos las semillas de un nuevo futuro, destacando las potencialidades de una educación viva, entre vida, arte y conocimiento, presente en la favela, como cuerpo-territorio que ha sido reconfigurada por el movimiento de mujeres jóvenes y sus nuevos lenguajes. Hip-Hop (EEUU), Funk (Brazil) y Slam (EEUU) son movimientos socioculturales, políticos y educativos que han contribuido al movimiento

refavela. La idea es decodificar la gramática de estos movimientos, proponiendo una lectura de estos nuevos tiempos para aportar un nuevo léxico (Cf. SILVA, 2018), desde la lucha de las mujeres negras ante la transmutación histórica y la opresión sexual a través del arte, para analizar hasta qué punto la búsqueda emancipada de la voz, con sus dinámicas y matices, subvierte el modus operandi actual, que se imbrica en la intersección entre las políticas de supervivencia, autodefinición y políticas de empoderamiento.

Palabras clave: Feminismo hip-hop. Pedagogía hip-hop. Pensamiento de las mujeres negras. Mujer de favela. Educación antirracista.

Ocupação¹

Considerando as dificuldades encontradas em manter a juventude negra e periférica dentro dos contextos educacionais, frente à crise pandêmica que contribui ainda mais para a evasão escolar, pretende-se criar caminhos que possibilitem a decodificação da gramática dos movimentos que envolvem o ir e vir desse corpo-território atravessado em suas dimensões sociocultural, política, econômica, espiritual e educacional que se recompõem dentro do espaço denominado de *refavela*, evidenciando o protagonismo de mulheres e jovens que nela se movimentam. A ideia é apontar perspectivas pretas que emancipam e educam através do Feminismo Hip-Hop, da política da sobrevivência e do empoderamento na favela.

Para falar sobre o protagonismo da favela iniciaremos nossa reflexão à luz de Carolina Maria de Jesus (2016), mulher preta, favelada e mãe solo que falava pelos cotovelos, denunciando as mazelas dos favelados. Relatava, em seu diário feito com papéis que catava em meio aos lixos, o dia a dia de quem luta pela sobrevivência para dar comida e educação para os seus filhos. Ao anunciar sua experiência, ela consegue abrigar as memórias de quem morou na favela do Canindé entre os idos de 1950 e 1960, pois esse espaço entrou em processo de desapropriação em meados dos anos de 1960, para a construção

¹ O termo Ocupação faz alusão ao poema de Mel Duarte com a intenção de invadir o espaço do/a leitor/a a fim de tensionar as polaridades entre a oralidade e a escrita, problematizando e abrindo um diálogo acerca da Política da Voz.

da Marginal Tietê. Seu livro “Quarto de Despejo: o diário de uma favelada” foi publicado em 1977 e revela a política da sobrevivência e a preocupação em manter seus filhos na escola. Nele, a autora apresenta-se como uma sujeita política à frente de seu tempo. Vejamos algumas passagens que são significativas para a nossa análise: Jesus encaminha os filhos para a escola em: “13 de junho... Vesti as crianças e elas foram para escola” (JESUS, 2014, p. 60), neste mesmo dia ela lê jornais para as mulheres da favela se manterem informadas e denuncia o colonialismo, “li o jornal para as mulheres da favela ouvir” (2014, p. 60).

Conceição Evaristo tem nos ensinado que estamos imersas em escritas e experiências que podem ser sintetizadas pelo termo *escrevivência*², cujo conceito discorre sobre nossa capacidade de gestar uma escrita potente à luz das culturas amefricanas que (re)floreecem num tempo que é presente, sobretudo em meio ao caos da favela, servindo-nos para alumiar o levante periférico que, no exercício polifônico desse ecoar de vozes, abriga memórias, dores, reexistências³ e enuncia verdades. A autora também

² A respeito disso acesse o link: <https://www.itau-cultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> Acesso em: 05 de agosto de 2021.

³ “Trata-se de um neologismo realizado por grupos e movimentos sociais que ressemantizam a essência, ou substância, de suas ações e de suas identidades. Esse substantivo apresenta várias camadas de significação relacionadas a novas formas de falar sobre, de estudar, de pensar, de realizar, de ser e de vir a ser, a partir de uma existência resistente, de uma resistência existente, ou de uma existência que teima em ser (re-) mesmo em contextos de profundas inevitabilidades (BOURDIEU, 2010) em que “não era para que sobrevivêssemos” (LORDE, 1978), entre muitas outras interpretações que nascem dessa palavra.

Ver em ACOSTA, Maria. P. T. **Construções discursivas de reexistência: um estudo em análise de discurso**

escreve um romance denominado “Becos da Memória”, publicado em 1980, em que a favela apresenta-se como protagonista. “Becos” é uma “ficção como se estivesse vivendo a realidade vivida, a verdade. [...] Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. [...] Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções” (EVARISTO, 2017, p. 11-12).

Essas obras servem-nos de aporte para introduzirmos uma possibilidade de leitura desses novos tempos a fim de contribuir com um novo léxico (SILVA, 2018), a ser tracejado a partir da luta das mulheres negras face à opressão histórica e sexual que se transmutam por meio da arte, para analisarmos em que medida a busca emancipada da voz, com suas dinâmicas e nuances, subverte os *modus operandi* vigentes, que estão imbricados na intersecção entre a política da sobrevivência, a autodefinição e a política do empoderamento. Por isso, essa análise surge como uma possibilidade de compreensão da projeção de vozes de corpos negros e periféricos que estão no entrelaçamento entre performance, dança, canto e slam.

Dessarte, parto de minhas experiências enquanto mulher preta, favelada, artista, da cultura Hip-Hop e dançarina de Breaking, reconhecendo-me como parte desse espaço de ocupação/favela que também passou por alagamentos, incêndios e por processos de desapropriação. Lembro-me que as ações dos movimentos liderados por mulheres na luta por moradia,

os movimentos sociais, as posses e sobretudo o rap ouvido entre os idos de 1980 e 1990, salvaram a minha vida.

É justamente sobre vidas que iremos tratar, embalados/as ao ritmo poético, pensando em afetar positivamente o seu olhar, sugiro que você, leitor, assista ao clipe *Ocupação*⁴ e se envolva nas palavras cantadas pela slammer⁵ Mel Duarte⁶, que nos servirá como uma ponte entre a oralidade e a escrita, na luta pela cura por meio da cantação poética, pois “é preciso silenciar acalmar o espírito/ saber dançar conforme o ritmo/ então de forma homeopática serei o seu antídoto/ para o veneno diário que consome o seu íntimo⁷”.

A título de exemplo, recorro à artista Grada Kilomba⁸ que nos convida a conhecer-saber por meio da arte, servindo para nós, artistas e intelectuais orgânicas, também, de direcionamento de nossas falas, pois

4 Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=A-QBuyOV4B0o>, acesso em 04 de junho de 2021.

5 Slammer é o poeta que participa das batalhas de poesias (slam).

6 Mel Duarte é escritora, slammer, poeta - revolucionária do cotidiano que acredita nas palavras como ferramenta de transformação social. Maiores informações acesse o link: <https://melduartepoesia.com.br/>, acesso em 04 de junho de 2021.

7 Refiro-me ao trecho do poema de Mel Duarte denominado *Ocupação*. Mel Duarte. *Mormaço - Entre outras formas de calor*. *Ocupação*. 2020. Faixa 1 (3min38seg), <https://www.youtube.com/watch?v=AQBuyOV4B0o>, acesso em 04 de agosto de 2021.

8 Refiro-me a exposição denominada Grada Kilomba: *Desobediências Poética*. Uma obra apresentada entre 6 de junho e 30 de setembro de 2019 na Pinacoteca, museu da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, sob a curadoria do diretor geral, Jochen Volz e da curadora-chefe, Valéria Piccoli, ambos funcionários do museu.

crítica sobre marchas de mulheres no Brasil. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2018, p. 27.

devemos conduzir nossa produção a fim de (re) construirmos narrativas que promovam uma polifonia de vozes e abertura de caminhos, pois a arte negra em diáspora é um ato sociocultural e político, portanto revolucionário.

Nesse sentido, Kilomba (2019) dialoga com Patricia Hill Collins (2019) para evidenciar que existe um controle/opressão sobre nossas escritas - como, por exemplo, quando se observa a regulação de nossos discursos lidos como marginais: - Para quem devemos escrever já que estamos dentro dessa arena, a recomendação sustentada por Collins (2019) é para que nós mulheres negras, intelectuais orgânicas possamos construir uma escrita que dialogue com as nossas realidades.

Isso serve para fortalecer as nossas bases e por fim compreendermos esse jogo entre quem fala e quem escuta, nós artistas quando sentimos que somos forçadamente emudecidos/as, tendemos a ressignificar e a criar rotas de fugas que nos levam ao ato de subverter os espaços destinados para a nossa fala. Nesse sentido, o corpo e a escrita têm sido para mim, o lugar em que encontrei para falar sobre essas questões, então peço que relembrem a indicação da leitura do poema *Ocupação* e siga os nossos passos que estarão cadenciados num ritmo alucinado, capaz de preencher os vazios que fazem morada em seu interior.

Lições sobre o feminismo negro interseccionado à luz de Patricia Hill Collins

Para compreendermos sobre a política da sobrevivência, a autodefinição e

o empoderamento na favela, é preciso nos atentarmos aos caminhos percorridos inicialmente pelas mulheres negras nos EUA, pois existem conexões importantes que podem nos fazer avançar na busca emancipada de nossas vozes historicamente silenciadas. E por falar nisso, ressaltemos aqui o marco do feminismo negro nos Estados Unidos, desencadeado pelo discurso de Sojourner Truth. Trata-se de uma ex-escrava que questionou as atitudes hostis dos homens presentes numa convenção de mulheres ocorrida em Akron, Ohio, no ano de 1851, onde fez o discurso célebre: **Não sou eu uma mulher?** Em seu discurso, opôs-se ao racismo, à dominação sexista e às atitudes racistas das mulheres brancas ali presentes, que depois a aplaudiram, pois “não foram poucas as mulheres reunidas em Akron que inicialmente se opuseram às mulheres negras terem voz na convenção, e os opositores dos direitos das mulheres tentaram tirar vantagem desse racismo” (DAVIS, 2016, p. 72), referindo-se, no caso, à atuação do feminismo branco ali presente. Porém, Sojourner, ao perceber a situação, “derrubou as alegações de que a fraqueza feminina era incompatível com o sufrágio” (2016, p. 70). A partir desse momento, ficou evidenciado que “o fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher” (p. 73).

Como já foi mencionado anteriormente, a mulher negra era tudo, menos mulher. Somente a partir de 1960, o movimento de mulheres negras ganha força nos Estados Unidos na luta pelos direitos civis e contra o racismo do próprio movimento feminista.

Posto isso, partirei das minhas experiências em contato com os estudos sobre o feminismo negro interseccionado, no ano de 2019, aprofundando-me na obra de Patricia Hill Collins, denominada “Pensamento Feminista Negro”, publicada em 1990 nos Estados Unidos. Foi a partir da experiência que pude sentir a importância de evidenciarmos nossas histórias, seguindo os passos desta autora, durante sua estadia em São Paulo. Curiosamente, durante a sessão de autógrafos, realizada no SESC Pinheiros, quando ela estava para autografar meu livro, as meninas gritaram dizendo que eu era do Hip-Hop, ela imediatamente me desafiou dizendo: - “Você é B-Girl⁹? Então dance”, exclamou sorrindo. Automaticamente, abriu-se uma roda, respondi-lhe com uma *session*¹⁰ improvisada com *spins*¹¹. A partir daquele momento, entendi que não precisamos dizer que somos feministas, basta fazer/ser. É justamente o fazer como ação política que constitui as bases centrais do feminismo negro.

Em outro momento, durante a conferência, denominada “Pensamento feminista negro: desafios contemporâneos e novas perspectivas”, realizada no auditório Nicolau Sevcenko, no prédio da História e Geografia da Universidade de São Paulo, foi possível nos aproximarmos mais dela, Hill Collins iniciou dizendo que era importante tornar acessível o estudo sobre o feminismo

negro no ensino da Educação das Relações Étnico-Raciais, afirmando que o lançamento do seu livro aqui no Brasil, abriu nesse sentido, uma nova perspectiva para o feminismo negro.

De acordo com Collins, há quatro ideias principais que dialogam com o fato de como as mulheres negras respondem aos desafios da vida, sendo elas: a Política da Esperança, a Interseccionalidade, a Justiça Social e as Ações Políticas. Assim, a autora sugere a mudança por meio do gênero, devido à capacidade histórica da mulher negra de sobreviver ao cativo, sugerindo quatro ações políticas: a Política da Sobrevivência, a Política Cultural, a Política de Protesto e a Política do Empoderamento.

Embora todas as ações políticas se interseccionem entre si, enfatizaremos a “Política de sobrevivência e a Política Cultural”, sendo que a primeira sustenta ser preciso se manter vivo para prosseguir na luta, cujo propósito é proteger os vulneráveis, considerando, nesse sentido, que sobreviver seja um ato político, pois para conseguir criar redes e táticas e tornar possível a política da sobrevivência, necessita-se criar uma atmosfera que nos mantenha vivos/as; a segunda se refere ao espaço florescente entre as mulheres negras, a fonte de ideias criativas que nos ajudam a pensar sobre o que estamos vivendo.

Recordo-me quando Patrícia Collins relatou-nos que aos 11 anos era inconformada com a ideia de que os negros só serviam para cantar ou dançar, entretanto, à medida que foi ganhando consciência começou a compreender que reagir o tempo inteiro não é a única forma de se rebelar contra essa forma de conceber o mundo. A

⁹ B-girl – Breaking Girl: o termo refere-se às dançarinas de Breaking, um dos elementos da Cultura Hip-Hop.

¹⁰ Session – sequência de passos, característicos da dança Breaking.

¹¹ Spins – sequências de movimentos giratórios, com possibilidade de se executar em várias partes do corpo.

cultura nos ensina que empoderar pessoas pela poesia, música, arte negra em geral está no centro da atividade, pois trata-se de um modo de fazer política pela via cultural. Collins exemplifica por meio de sua experiência que teve no poder da escrita e da voz a oportunidade de se tornar uma ativista, posicionando-se contra a injustiça social, mas também nos dá exemplos da participação de várias mulheres na luta pelos direitos civis nos EUA.

Além disso, ela nos conduz a refletir acerca da Política do Empoderamento, pois “repensar o feminismo negro como projeto de justiça social implica desenvolver uma noção complexa de empoderamento” (2019, p. 454), visto que “quando se trata de conhecimento, o empoderamento das mulheres negras implica rejeitar as dimensões do conhecimento que perpetuam a objetificação, a mercadorização e a exploração”, ou seja, “as mulheres afro-americanas ou outros grupos como o nosso nos empoderamos quando entendemos e usamos essas dimensões dos modos de conhecimentos individuais, grupais e provenientes da educação formal que promovem a humanidade” (2019, p. 455). Por fim, a autora sustenta a ideia de que para haver justiça social é preciso realizar ações coletivas que promovam a transformação social, pois esse lugar de **Outsider**, destinado às mulheres negras, paradoxalmente, pode ser um estímulo para a nossa criatividade. Nossa luta pressupõe sair dos enquadramentos impostos pelas imagens de controle e uma saída que me parece justa é a busca pela consciência do movimento de si mesmo/a: o ato de insistir na constituição do **eu autodefinido**, torna legítimo o nosso poder enquanto sujeitos/as políticos/as.

Ademais, a persistência tem se dado na busca constante por um caminho e o nosso papel é provocar rupturas a fim de fazer com que as mulheres negras conheçam de fato o poder de **autodefinição**. O comportamento de persistência é a política do empoderamento, salientado pela autora, por meio da relevância dada ao **blues** e da forma como outras dimensões da oralidade negra na vida das mulheres estadunidenses contribuem para esse movimento.

Por fim, a autora deixa como lição do pensamento feminista negro que, para construirmos novas epistemologias com base neste pensamento, é preciso elucidar nossas experiências como critério de significação. Um processo que nos remete, novamente, à importância dada ao conhecer-saber, portanto saber é experienciar e acima de tudo “é essencial para a sobrevivência do subordinado” (COLLINS, 2020, p. 149)¹². Além disso, a autora fala da importância do uso do diálogo para avaliar o conhecimento que seria a capacidade de manter conexões, ou seja, estar no centro dos diálogos, equilibrando a ética do cuidado e da responsabilidade individual para a enunciação de nossas verdades.

Vimos, então, o quão importante é realizar ações que viabilizem a política do empoderamento para as mulheres negras, levando em consideração os desafios encontrados na medida em que avançamos na busca pela política da voz.

12 Refiro-me ao capítulo do livro HILL, C. Epistemologia feminista negra. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón. (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

Vale ressaltar aqui como a juventude negra estadunidense recriou seu espaço de acolhimento após 1964 em meio à luta pelos direitos civis. A obra intitulada “*From Black Power to Hip Hop: Racism, Nationalism, and Feminism* (Politics History & Social Chan)”, publicada em 2006, por Patricia Hill Collins, propõe uma análise que nos permite compreender como a geração de mulheres do Hip-Hop encontraram seus espaços de fala por meio da arte e se aproximaram dos movimentos negros e do feminismo. A autora relembra-nos que, historicamente, as mulheres negras sempre estiveram envolvidas diretamente nas ações políticas e comunitárias em seus bairros, servindo-lhes “como um local de ativismo político” (2006, p 25). Com isso, há nos movimentos socioculturais e políticos dos/as negros/as amefricanos, um *continuum* de lutas, que é estético e político e, como já dissemos outras vezes, emancipa e educa. Portanto, é revolucionário. O que Asante (1980)¹³ chama de Revolução Hip-Hop é um jeito que a juventude de cor nos Estados Unidos encontrou para nos ensinar que reagir não é a única forma de se manter sempre em protesto. O modo mais revolucionário de vencer o racismo e as violências que, historicamente, têm nos afetado é nos mantermos vivos e vivas.

Então, dada a dificuldade de encontrar textos que dialogassem com as vidas das jovens que se encontravam imersas em uma ancestralidade criativa, ao mesmo tempo em que necessitavam recriar caminhos que levassem ao sentido de ser de si

mesmas, essas jovens se identificaram com a cultura Hip-Hop. O que possivelmente as aproximou do feminismo negro foi a marginalidade conectiva do Hip-Hop que envolve toda a opressão histórica mencionada anteriormente (OSUMARÉ, 2015). Na verdade, é o que nos une, pois, a forma encontrada pelo Hip-Hop de envolver as juventudes negra e periférica acaba exercendo um papel central e funciona como um enunciador dessas vozes, trazendo à tona as nossas verdades, além de trazer consigo o poder de compreender e dialogar com realidades distintas.

Estamos cientes de que o Hip-Hop surge como uma cultura antirracista no entrelaçamento entre uma pedagogia centrada na comunidade e o feminismo negro nos idos de 1974, nos Estados Unidos. Joan Morgan, uma escritora e jornalista, nascida na Jamaica que cresceu no sul do bairro Bronx, local de origem desta cultura, denomina de *Feminism Hip-Hop* a geração de mulheres que fazem parte do Hip-Hop ao publicar o livro “*When Chickenheads Come Home to Roost: A Hip Hop Feminist Breaks it Down*”, lançado em 1999. Ao sustentar que o Feminismo Hip-Hop foi um jeito que as jovens encontraram de se amar, de se autotransformar e de transformar o mundo daqueles que por sorte encontraram uma *hiphopper* em seu caminho. A autora consegue criar um espaço em que os prazeres, a política, os enfrentamentos da vida, os encantamentos, vão enunciando vozes e educando. O sentido do Feminismo no Hip-Hop é estar sempre em movimento, provocando mudança social e ofertando possibilidades para o vir a ser das pessoas.

Já o Slam é a poesia cantada que surge nos anos de 1980, em Chicago, que fez ecoar aqui rimas e melodias, na voz potente de

¹³ Mulef K. Asante é filósofo, cineasta e chefe do Departamento de Africologia da Temple University nos EUA, dentre várias obras, destaca-se aqui a Aforcentricidade.

uma rainha: a Estrela D'Alva. Ela foi finalista da Copa do Mundo Slam na França, inspirando outros/as slammers que insurgem contra as injustiças sociais no Brasil.

Um olhar sobre o pilar da pesquisa de gênero à luz de Oyèrónke Oyewùmí

Com isso, creio que seja relevante nos aproximarmos também do pensamento feminista africano, pois tudo que aprendemos nos servirá de alquimia. Vamos, então, mergulhar nas contribuições da feminista nigeriana de origem iorubá que é socióloga e professora da Stony Brook University (EUA), atendo-nos à sua obra “A Invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos de gênero”, que resultou de sua tese de doutorado defendida em 1997, traduzida recentemente em português (2021).

Oyèrónke Oyewùmí salienta a importância de se levar em consideração as experiências africanas pelo processo geral de construção de teorias, a despeito do “racismo estrutural global” (OYEWÛMÍ, 2020, p. 172), convidando-nos a refletir criticamente sobre “a categoria gênero e alguns conceitos aliados a ela a partir de epistemologias e experiências culturais africanas” (2020, p. 172).

Com efeito, podemos refletir sobre como “a linguagem afeta o comportamento social” (2021, p. 233). A autora retoma, no último capítulo denominado “A tradução das culturas: generificando a linguagem,

a oralitura e a cosmopercepção iorubas”, a ideia de que também é central compreendermos que “em uma sociedade onde o gênero seja o princípio organizador principal, as distinções de gênero são também, refletidas na língua” (p. 234). A autora demonstra que em iorubá isso não ocorre, mesmo após a imposição da língua inglesa pelos britânicos, ou seja, vale fazer o exercício de ver e ouvir em iorubá como sugerido pela autora “a ausência de gênero iorubá não deve ser lida como androginia ou ambiguidade de gênero. [...]. Em vez disso, é isenta de gênero porque os atributos humanos não são uma fonte de distinção nem de identidade iorubalândia (OYEWÛMÍ, 2021, p. 255)”.

Oyèrónke apresenta-nos uma língua não sexista, falando dentro de uma língua sexista que foi imposta em sua cultura durante os processos de colonização, no exercício de anunciar uma possibilidade de abertura de caminhos para que outras línguas com essa característica sejam ouvidas também, fazendo com que possamos compreender o papel social da mulher a partir das referências africanas, com ênfase na cultura iorubá.

Nesse sentido, também temos pensado numa escrita potente, por isso, é que nos aproximamos dessas narrativas, pois nos parece urgente compreender as sociedades a partir das diversidades culturais e dos **mundos no sentido plural**, evidenciando o papel e as lutas das mulheres que nos antecederam e que nos dão força vital para continuarmos lutando. Posto isso, podemos agora entender que somos verdadeiras fortalezas e as mais velhas trazem consigo o axé, a sabedoria, ensinando-nos que a criatividade é dom de quem se reinventa para poder sobreviver em meio à fome e a

todas as outras mazelas. Assim, a **invenção das mulheres** em iorubá nos ensina a importância de considerarmos a **cosmopercepção** para podermos ver e sentir tudo o que há no mundo, pois carregamos conosco a sabedoria ancestral que é passada adiante como energia vital para a vida e isso é transmitido a todos igualmente. Então, fica evidenciado que esse **modus vivendi** no ocidente ainda se apresenta em grande descompasso, porque há, nessas sociedades, uma forte estrutura social pautada pelas desigualdades.

Para além disso, o convite é para que possamos juntas/os promover a “descoloniização” dos feminismos, pois sua proposta é que consigamos superar os modos operantes das representações culturalmente hegemônicas. Esse é um porvir que parece-nos conduzir ao rompimento das bases que sustentam a modernidade ocidental. Oyèrónke nos ensina que se a gente se aproximar das organizações das mulheres africanas poderemos criar outras reflexões a respeito de nossas formas de ser e estar no mundo.

Clenora Hudson-Weems denominou essa forma de organização das mulheres africanas de **Mulherismo Africano** (1945), que foi publicado no Brasil somente em 2020, definindo-a como uma ação política de (re)orientação. Partindo da ideia de localização, ela nos faz pensar como teria sido o comportamento de nossos/as ancestrais antes do processo de colonização para pensarmos o que somos e o que podemos vir a ser. Segundo a autora, as mulheres africanas, ao pensar nas formas de organização de vida, tendem a fazê-las de acordo com a perspectiva de seu território, pautada pela ótica de raça. A partir disso, Hudson-Weems afirma que o “Mulherismo Africano

– mais do que o feminismo, o feminismo negro, o feminismo africano ou o mulherismo – é uma alternativa viável para a mulher Africana em sua luta coletiva, em conjunto com toda a comunidade” (2020, p. 51).

Ou seja, essa cosmovisão ocidental não dá conta das realidades vividas pelas mulheres africanas, daí a importância dada pela autora à localização, enfatizando que é preciso levar em consideração, também, a forma de compreender o mundo partindo da ideia de ser mulher negra na academia, afirmando que somos ancestrais reencarnadas. Portanto, é de suma relevância que possamos contar nossas histórias partindo de nossas experiências, pois “em resumo, a recuperação da mulher africana através da identificação de nossa própria luta coletiva e da atuação dela é o passo fundamental para a harmonia e sobrevivência humana” (p. 51). A autora sugere que é preciso construir uma escuta acadêmica sobre o que diz a mulher africana para se construir uma teoria que atenda às suas demandas.

Daí a importância que temos dentro desse processo de desmantelamento do epistemicídio estrutural, pois ele define o que de fato é interessante para a academia. A respeito disso, Lélia Gonzalez, no ensaio denominado “Racismo e Sexismo na cultura brasileira” (2020), coloca em xeque a lógica da escrita acadêmica, além de pôr a nu nossas verdades, afirmando que os apontamentos psicossomáticos causados pelo racismo são sintomáticos dentro de nossa sociedade, uma vez que as questões interseccionais são pensadas a partir das articulações entre as opressões históricas que envolvem gênero, classe, raça, sexismo, religião, etc.... Esse entrelaçamento mantém e fortalece a desigualdade social, que por sua vez enraíza a **violência simbólica**, produzindo

efeitos, sobretudo, nas populações negras e periféricas, fazendo-nos sentir que “nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira” (GONZALEZ, 2020, p. 77). E particularmente no caso das mulheres negras que compõem a base da escala social, visto que historicamente a sociedade tende a emudecê-las, cabe-nos fazer evidenciar nossas vozes, pois “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para nós o racismo se constitui como sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” (2020, p. 76).

Como podemos notar, a autora desenvolve seu pensar, na mesma linha que Grada Kilomba (2020), à luz das experiências de Frantz Fanon (2008) ao perceber que há em nossa sociedade uma **denegação** das culturas lidas como africana, latina e/ou indígena, evidenciando que esse comportamento é parte intrínseca de nossa psique e auxilia na manutenção do racismo à brasileira, aproximando-se também das reflexões de Freud para refletir acerca das violências que recaem sobre a população negra. Os efeitos disso para Lélia Gonzalez, são traduzidos nos **modus operandi** que constitui o racismo à brasileira, denegando a nossa **amefricanidade**.

Lições sobre um feminismo afro-latino-americano à luz de Lélia Gonzalez

Vamos, então, fazer uma breve imersão no pensamento de Lélia Gonzalez que foi uma mulher para além de seu tempo. Filósofa, feminista, militante e uma das fundadoras do movimento negro, tornou-se

uma das intelectuais brasileiras do século XX com reconhecimento internacional, que abordou em sua luta as questões que envolvem o racismo genderizado e as desigualdades sociais no Brasil. Lélia Gonzalez, assim como algumas pensadoras mencionadas anteriormente, também fez uma crítica ao feminismo, levantando a seguinte questão: - “Como podemos explicar esse “esquecimento” por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que algumas cientistas sociais caracterizam como **racismo por omissão**” (GONZALEZ, 2020, p. 141).

A autora retoma em um dos seus ensaios denominado “A categoria político-cultural da amefricanidade”, questões que colocam em evidência o que ela denomina de “esquecimento” do feminismo frente às questões que envolvem a mulher de cor dentro de nossa realidade, ou seja, evidencia a questão racial no território ladino-amefricano como uma grande querela devido ao véu que fora colocado no “caráter multirracial e pluricultural das sociedades das regiões” (p. 142).

Por isso, Lélia trata de dois pontos centrais para compreendermos a formação da sociedade brasileira: a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial, apontando para as questões que envolvem o racismo à brasileira. Do mesmo modo como Grada Kilomba, nas instalações de sua exposição sobre o Brasil, alerta-nos que esse jeito de movimentar o sistema, orquestrado por essas ideologias, faz com que essas diferenças sejam transformadas em desigualdades. Isso implica dizer que a discriminação que sofremos “assume um caráter triplo, dada a sua posição de classe: as mulheres ameríndias e amefricanas são,

na maioria, parte do imenso proletariado afro-latino-americano” (p. 146).

Então, Lélia Gonzalez sugere um feminismo que nos represente, como podemos observar no ensaio denominado “Por um feminismo afro-latino-americano”, pois há em nós mulheres amefricanas, uma necessidade ancestral de cuidarmos da sobrevivência familiar. No ensaio mencionado, a autora vai discorrendo sobre o protagonismo das mulheres *amefricanas* não só nas dinâmicas de sobrevivência familiar, mas também como lideranças comunitárias e no interior dos movimentos sociais. Sempre exemplificando, referindo-se às nossas realidades, aponta que a cor, o sexo e a classe são determinantes para que as amefricanas (Brasil, Peru) se organizem via grupos étnicos, o que foi possível a partir do encontro de latinas em 1975 (2020, p. 148). Gonzalez afirma que a objetificação das mulheres de cor nos dois países é semelhante e vai conduzindo sua escrita para que nós percebamos que a “superexploração econômica se alia à superexploração sexual das mulheres amefricanas” (p. 148). Ou seja, Atribuir-se às mulheres amefricanas (pardas e mulatas) tais papéis é abolir sua humanidade, e seus corpos são vistos como corpos animalizados: de certa forma, são os “burros de carga” do sexo (GONZALEZ, 2020, p. 149).

Gonzalez mostra-nos que o corpo da mulher negra é reconfigurado, por meio das marcas e das delimitações impostas aos papéis que lhes cabem nesta sociedade, com o apoio de homens e de mulheres que contribuíram para a construção de um projeto de nação em que foi garantido um Estado supremacista branco. Esse exercício de manutenção do poder atravessou as relações afetivas e o sentido de família,

que foram sendo construídos através das imagens de controle no intuito de arrancar de nós, pessoas pretas, a nossa humanidade, em oposição à estrutura de organização das mulheres iorubanas, descrita por Oyèrónke. Ao finalizar o ensaio, Lélia Gonzalez nos ensina que mais do que nunca precisamos nos ouvir e aprender umas com as outras, pois só assim poderemos deixar mais suave os caminhos que serão percorridos por outras vozes.

A polifonia das vozes insurgentes ecoadas nas culturas amefricanas

Essas vozes encontram-se em meio ao caos, aos assassinatos causados por gangues de polícia, que matam sem perguntar quem se é, em meio à brincadeira de menina e menino, no corre-corre, no pega-pega e no esconde-esconde de balas perdidas, eis que surge um caminho possível em um dos lugares que foi decretado pela ONU como o mais violento dos anos de 1980. Os movimentos sociais, o dia a dia da favela e o Hip-Hop, são elementos fundantes para a constituição de minha identidade, para, além disso, tornarem-se extensões da noção de quilombo num sentido plural.

Então, pode-se compreender que estamos imbricados no entrelaçamento de um corpo-território que é poeticamente político, os distritos do Capão Redondo, Jardim São Luís e Jardim Ângela são pontos do ecoar polifônico de vozes, e o que

pensa “as cria”¹⁴ desse lugar revitalizado feito obra de arte por graffiti, poesia, dança, música que pode ser um rap, um funk, um samba.

Dessa forma, evoco novamente o poema de Mel Duarte¹⁵: “Peço licença pra entrar/ A todas presentes no lugar/ Peço licença pra entrar/ Quem veio antes de mim/ E quem ainda virá/ Peço licença pra entrar”, pois para gente falar sobre a polifonia das vozes insurgentes da favela é preciso demarcar que esse território é o palco de toda a barbárie histórica, que se (re)configura de acordo com as dinâmicas operacionais para a manutenção desse Estado genocida. É também um corpo-território que a nossa ancestral “guerreira transatlântica de luz infinita” assim definida na apresentação que Bethânia Nascimento escreveu na obra “Beatriz Nascimento Quilombola e Intelectual: possibilidades nos dias de destruição” (in NASCIMENTO, 2018, p. 20), em homenagem à sua mãe Beatriz Nascimento que adentraremos no ensaio 17 denominado “Quilombo: em Palmares, na Favela no Carnaval”¹⁶ (2018, p. 189). Beatriz Nascimento discorre a respeito do quilombo apontando

que de repente “pode ser um lugar onde as pessoas possam viver livremente” (p. 189), exemplificando a partir de suas experiências vivenciadas na zona sul do Rio de Janeiro, conclui que “o quilombo é uma favela” (p. 189). Mais adiante ela nos contempla dizendo que o quilombo é “uma possibilidade nos dias de destruição” (p. 190), significa poder sobreviver ao caos, compreendendo que vivemos imersos num aquilombamento que é ancestral.

Conceição Evaristo propõe uma reflexão acerca da construção de “novos conceitos e abordagens” sobre os quilombos urbanos, a partir das pesquisas realizadas por Beatriz Nascimento afirmando em prefácio do livro “Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento”, publicado por Alex Ratts no ano de 2006, que Beatriz “ressignifica o território/ favela como espaço de continuidade de uma experiência histórica que sobrepõe a escravidão à marginalização social, segregação e resistência dos negros no Brasil” (in RATTIS, 2006, p. 11), apontando que “desde Palmares, no século XVIII, em Pernambuco, tem sido assim” (NASCIMENTO, 2018, p. 190).

Retomando a última seção do ensaio de Beatriz denominado “Quilombo: em Palmares, na Favela no Carnaval” (2018), sua questão nos parece oportuna para podermos analisar para além dos noticiários violentos expostos pela mídia: “o que fazem os negros? Eles sabem o que fazer. Fazem, descubrem a alternativa por eles mesmos. Naturalmente o negro resiste e cria um novo quilombo para

¹⁴ Cria – refere-se as pessoas nascidas e criadas na favela.

¹⁵ Refiro-me ao poema Saudação. Mel Duarte. Mormaço – Entre outras formas de calor. Saudação. 2020. Faixa 1 (4min23seg) https://www.youtube.com/watch?v=5_LbnoB5gi4&list=PLZ8YZIRqCqiVnzUc1h-SWFKTMuUAE5s_A, acesso em 04 de agosto de 2021.

¹⁶ De acordo com a nota explicativa do livro Beatriz Nascimento Quilombola e Intelectual: possibilidades nos dias de destruição, o ensaio 17 Quilombo: em Palmares, na “Favela no Carnaval” denominado foi publicado no jornal Movimento do Rio de Janeiro no dia 16 de maio de 1977.

enfrentar alguma situação adversa” (NASCIMENTO, 2018, p.193).

Avançando nessa ideia, a obra denominada “Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira”, de Renato Meirelles e Celso Athayde, publicada em 2014, evidencia o resultado da pesquisa que foi coordenada pelos autores e realizada pelo Instituto Data Favela em 35 cidades brasileiras em um trabalho de campo que ouviu duas mil pessoas de 63 favelas no ano de 2013, desvelando o porvir de um novo Brasil, anunciando que há neste corpo-território o protagonismo da mulher preta e do jovem da favela. O sociólogo Luiz Eduardo Soares, no prefácio desta obra, afirma que “os jovens e não apenas eles, as mulheres e não só elas, assumiram inédito protagonismo, inventando novas linguagens, transformando profundamente os templos herdados e os templos legados” (SOARES in MEIRELLERS & ATHAYDE, 2014, p. 12-13).

Esse inusitado senso de cidadania criativa é a atmosfera oriunda de uma espécie de preservação da cultura ancestral que, como vimos, sinaliza os saberes/fazer por meio de um corpo-agente na constituição identitária que vem desvelando, em nossa atualidade, vozes que se expressam por meio de uma transmutação poética, cultural e política através das composições estéticas que atravessam esse corpo-território da poesia falada, do rap, do funk, da bunda, que por sinal possui vida própria: é a bunda que fala e tem ditado algumas regras na quebrada.

Se Lélia Gonzalez estivesse viva provavelmente falaria a respeito desse porvir apontando a seguinte questão: **Cume**

é que é mesmo que a periferia grita? Pelo exposto, é um desbunde aprofundar sobre os aspectos fundantes da bunda, pois “de repente bunda é língua, é linguagem e é coisa” (GONZALEZ, 2020, p. 91). Ou seja, “é importante ressaltar que a bunda (esse termo provém do quimbundo, que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém de um tronco linguístico banto que “casualmente” se chama bunda)” (2020, p. 90).

Vale ressaltar que as jovens negras se engajam, tonando-se as **malandras da vez** e expressam-se rompendo inclusive com a opressão sexual, pois pelo requebrado do quadril elas relembram partes adormecidas de nosso corpo-memória que foi historicamente proibido. Pelo quadril se aprende, se engaja, se empodera e recodifica o sentido de ser mulher preta na favela. Movimentar o quadril renova a potência criativa ancestral e ativa a nossa força vital.

Esse ir e vir que aquece o ritmo dessa ocupação é o que os autores Meirelles e Athayde chamam de **refavela**, uma possibilidade de gritar para o mundo que esse corpo-memória, historicamente, marcado pela opressão histórica e sexual tem provocado fissuras às estruturas que operam para garantir esse Estado Genocida e faz tremer o chão ao som do ecoar de vozes que têm nos apontado um presente/futuro poeticamente revolucionário, com vistas a contribuir para um educar político, estético e emancipatório.

Ao fim desse ensaio, gostaria de fato que as pessoas se afetassem com a escrita dessas vozes e se propusessem a abrir suas mentes com vistas a pensar o sentido da escuta da voz a partir de uma **cosmopercepção** que foi proposta por Oyèrónke

(2020) com a intenção de provocar fissuras no jeito que temos de compreender o mundo, partindo das amarras oriundas de uma cosmovisão estritamente ocidental e eurocêntrica.

Vimos que esse conjunto polifônico são possibilidades sensíveis de refazimento de uma escuta da voz, que pretende abrir caminhos outros de forma dialógica. Isso contribui não só com o avanço de conceitos que façam sentido para as jovens, mas para a constituição de modelos educacionais com vistas à (re)constituição de epistemes e práxis que estejam comprometidas em provocar fissuras nas bases estruturantes do discurso da colonialidade. Pressupõe-se dizer que apesar de toda as questões que envolvem o racismo à brasileira, (co)existir em reexistência é transformar todo esse sofrimento em habilidades que promovam a política do bem-viver, parece-me que a arte negra e periférica dentro das experiências ladino-amefricanas tem nos apontado um clamar não somente sobre dores, mas sobre as potencialidades que se expressam de forma poeticamente política, evidenciando a subversão dos *modus operandi* de se compreender o mundo. Por fim, conclui-se que “é preciso construir um novo mundo onde outros mundos sejam possíveis” (MALDONADO-TORRES IN BERNARDINO-COSTA, et al, 2020, p. 19).■

[CRISTIANE CORREIA DIAS]

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades - Diversitas/FFLCH-USP, artista da cultura Hip-Hop e dançarina de Breaking. E-mail: cristianedias@usp.br.

Referências

ACOSTA, Maria. P. T. **Construções discursivas de reexistência:** um estudo em análise de discurso crítica sobre marchas de mulheres no Brasil. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, 2018, p. 27.

ASANTE, Mulef K. (1988, 2003). **Afrocentricidade:** a teoria de mudança social. Tradução de Ana Ferreira e Ama Mizani. Afrocentry Internacional, 2014, 193 p.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **From Black Power to Hip Hop:** racism, rationalism, and feminism (Politics History & Social Chan). Temple University Press, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e política do empoderamento. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Epistemologia feminista negra.** In. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

HUDSON-WEEMS, C. **Mulherismo Africana:** recuperando a nós mesmos. Trad. Wanessa A. S P. Yano. São Paulo: Editora Ananse, 2020.

JESUS, Carolina Marida de. **Quarto de Despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MEIRELLES, Renato & ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela:** a maior pesquisa já feita sobre a favela brasileira. São Paulo: Edita Gente, 2014.

MORGAN, Joan. When Chickenheads **Come Home to Roost:** A Hip Hop Feminist Breaks it Down. Simon & Schuster, 1999.

NASCIMENTO, Eliza. L.; GÁ L. C., org. **Adinkra:** sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. **Todas (as) distâncias:** poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes; ilustrado por Iléa Ferraz e revisado por José Henrique de Freitas Santos. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015, p.32.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e intelectual:** Possibilidade nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

OSUMARÉ. H. **Marginalidades conectivas do hip hop e a diáspora africana:** os casos de Cuba e do Brasil. In: AMARAL, M. G. T. do; CARRIL, L. O Hip Hop e as Diásporas Africanas na Modernidade: Uma discussão contemporânea sobre cultura e educação. São Paulo: Alameda, 2015, p. 63-92.

OYEWÙMÍ, Oyèrónke. **Conceitualizando gênero:** fundação eurocêntrica de conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In. BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

OYEWÙMÍ, Oyèrónke. **A invenção das mulheres:** construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Trad. wanderson flor do nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2006.

SILVA, Jamile B. Prefácio. In: AMARAL, Mônica, et al. **Culturas Ancestrais e Contemporâneas na Escola:** novas estratégias didáticas para a implementação da lei 10.639/2003. São Paulo: Alameda, 2018.

Websites consultados

Mel Duarte. **Mormaço – Entre outras formas de calor**. Saudação. 2020. Faixa 1 (4min23seg) https://www.youtube.com/watch?v=5_LbnoB5gi4&list=PLZ8YZlRqCqiVnzUc1h-SWFKTMuUAE5s_A , acesso em 04 de agosto de 2021.

Mel Duarte. **Mormaço – Entre outras formas de calor**. Ocupação. 2020. Faixa 1 (3min38seg) <https://www.youtube.com/watch?v=AQBuyOV4B0o>, acesso em 04 de agosto de 2021.

Conceição Evaristo. **Exposição Ocupação Itaú Cultura. Conceito de Escrivivência**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> Acesso em: 30 jul. 2021.

Programação da Pinacoteca sobre a exposição de Grada Kilomba. <http://pinacoteca.org.br/programacao/gradakilomba-desobediencias-poeticas/>, acesso em 31/04/2021.